



## A GEOPOLÍTICA NA CONSTITUIÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ESCOLAR<sup>1</sup>

GEOPOLITICS ON CONSTRUCTING BASIC-EDUCATION GEOGRAPHIC KNOWLEDGE

LA GEOPOLITICA EN LA CONSTITUCIÓN DEL CONOCIMIENTO GEOGRAFICO ESCOLAR

**Jéssica da Silva Rodrigues Cecim**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil, [jessica.cecim@ufg.br](mailto:jessica.cecim@ufg.br)

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a geopolítica no contexto do ensino de Geografia. Metodologicamente, dialogamos com os pressupostos da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015), a partir dos quais interpretamos entrevistas realizadas com professores de Geografia da educação básica de diferentes segmentos e instituições e relacionamos com a bibliografia referente às nossas discussões. Chegamos à noção de que há articulações que são responsáveis por manter as disciplinas escolares nos currículos. No caso da Geografia Escolar, a identificação com a geopolítica, sobretudo em uma relação de contiguidade com os conteúdos de “atualidades”, cumpre esse papel, reafirmando a relevância educacional dessa disciplina escolar. Concluimos que o conceito de território emerge como o grande organizador da construção do conhecimento geográfico escolar a partir dos conteúdos de geopolítica. Neste sentido, as noções escalares igualmente se tornam pertinentes no ensino de Geografia, no qual a relação entre o local e o global é constantemente mobilizada como o grande demarcador da possibilidade de compreensão da realidade social.

**Palavras-chave:** território, atualidades, escala, currículo.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito a partir do desenvolvimento da tese “O ensino das atualidades a partir de demandas curriculares: quais sentidos de conhecimento geográfico escolar estão em disputa?” defendida em 2021 no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas.



**Abstract:** This article aims to analyze Geopolitics in the context of teaching Geography in basic education. Regarding the methodology, we dialogue with the assumptions of the Theory of Discourse, authored by Laclau and Mouffe (2015). We conducted interviews with teachers working in different segments of basic education and interpreted their answers using the corresponding bibliography, addressing the discussions presented in the text. We concluded that there are articulations responsible for keeping school subjects in curricula and that basic education in Geography, particularly its identification with Geopolitics through subjects of Current Affairs, plays the aforementioned role reaffirming the educational relevancy of this school subject. Considering the contents of Geopolitics, we concluded that the concept of *territory* emerges as the great organizing element of the construction of Geography as school-level knowledge. In this sense, the scale notions become pertinent in teaching Geography, in which the relations between the local and the global are constantly mobilized as the great markers of the possibility of comprehension of social reality.

**Keywords:** territory, current affairs, scale, curriculum.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la Geopolítica en el contexto de la enseñanza de la Geografía en la educación básica. En cuanto a la metodología, dialogamos con los supuestos de la Teoría del Discurso, de Laclau y Mouffe (2015). Realizamos entrevistas a docentes que trabajan en diferentes segmentos de la educación básica e interpretamos sus respuestas utilizando la bibliografía correspondiente, abordando las discusiones presentadas en el texto. Concluimos que existen articulaciones responsables de mantener las materias escolares en los planes de estudio y que la educación básica en Geografía, particularmente su identificación con la Geopolítica a través de las materias de Actualidades, juega el papel antes mencionado, reafirmando la relevancia educativa de esta materia escolar. Considerando los contenidos de Geopolítica, concluimos que el concepto de territorio emerge como el gran elemento organizador de la construcción de la Geografía como conocimiento a nivel escolar. En este sentido, las nociones de escala se vuelven pertinentes en la enseñanza de la Geografía, en la que las relaciones entre lo local y lo global se movilizan constantemente como los grandes marcadores de la posibilidad de comprensión de la realidad social.

**Palabras-clave:** territorio, actualidad, escala, currículum.

## Introdução

Quando nos referimos à Geografia Escolar, cabe refletirmos quanto aos aspectos que auxiliam na formação do imaginário acerca do que constitui o conhecimento geográfico escolar e, por consequência, quais seriam os conteúdos, conceitos e metodologias que orientam as práticas docentes em Geografia. No que diz respeito a esse imaginário, consideramos que ele se constrói dentro de cadeias discursivas nas quais são estabelecidos os fundamentos de quaisquer disciplinas escolares, ou seja, a partir da definição de quais são as estruturas das disciplinas escolares e, por conseguinte, dos conhecimentos escolares.

Uma das identificações que são construídas em torno da Geografia Escolar está na sua associação com os conteúdos chamados de “atualidades”. As atualidades, compreendidas como conteúdos que geralmente circulam e se mantêm por mais tempo nos meios de comunicação, dada a construção da sua expressão social, costumam adentrar as salas de aula relacionando-se aos conteúdos tradicionalmente escolares. Conforme trabalhado em Cecim (2021), é possível afirmar a existência de três elementos principais que autorizam o ensino das atualidades em associação com a Geografia Escolar, sendo estes: i) o tempo presente como recorte temporal dos estudos geográficos, ii) a interdisciplinaridade como constitutiva da Geografia e, por fim, iii) a geopolítica como reivindicação geográfica a partir da mobilização de uma necessidade de atualização constante, por meio da noção de que os territórios estão sempre em modificação.

Essas identificações foram delineadas, sobretudo, através de análises dos materiais e itens de prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e das provas da Comissão Permanente para os Vestibulares da Universidade Estadual de Campinas (Comvest-Unicamp) de 2011-2021. A escolha pela Comvest e pelo Enem se deu pela intenção de comparar os sentidos de conhecimento geográfico escolar demandados por provas de seleção ao Ensino Superior, seja em âmbito federal (como o Enem), ou estadual (como a Comvest). Conjuntamente às provas, realizamos entrevistas semiestruturadas com professores de Geografia da Educação Básica, nos estudos curriculares e no levantamento bibliográfico acerca da epistemologia do conhecimento geográfico escolar.

Assim, o objetivo deste texto é discorrer acerca do conhecimento geográfico escolar a partir da geopolítica, considerando seus estudos, permanências e reivindicação como conteúdo geográfico escolar. Trata-se de discutir a geopolítica no contexto da Geografia Escolar, tensionando as articulações que permitem a associação entre essas suas disciplinas.

O artigo está dividido em introdução, percursos metodológicos – seção na qual daremos ênfase à Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015) como forma de interpretação da realidade e das entrevistas como recurso metodológico –, discussão sobre a geopolítica associada à Geografia Escolar e acadêmica e, por fim, nas mobilizações escalares da Geografia Escolar quando vinculada à geopolítica.

### **Percursos metodológicos**

Em termos metodológicos, podemos dividir nossos pressupostos em dois aspectos principais: i) nossa visão de mundo no que se refere à forma de interpretação da realidade e, conseqüentemente, nosso objeto de estudo e resultados; e ii) ações metodológicas utilizadas para o recorte e construção da pesquisa.

No que se refere ao método, nos valem dos estudos de Laclau e Mouffe (2015) e Laclau (2011; 2013). A partir destes autores, compreendemos que nossas formas de existir são pautadas em jogos políticos de base discursiva. Trata-se de uma interpretação da realidade na qual demandas sociais se organizam em cadeias de equivalência e diferença, de maneira que particularismos podem alcançar status de universalidade, o que os transformariam em discursos hegemônicos – ainda que de forma contingencial e precária. Nessa lógica, projetos acabam carregando certo ofuscamento identitário, o que lhes permite alcançar um número maior de particularismos e parece atender a uma quantidade maior de demandas, fortalecendo seu status de universal.

Quando levamos em consideração as disciplinas escolares, é possível refletir como elas abrem suas cadeias de equivalência para se manter na qualidade de um discurso hegemônico. De outra forma, seria ponderar sobre a maneira pela qual as disciplinas se organizam no âmbito discursivo com o intento de se legitimarem socialmente e, assim, permanecerem nos currículos escolares. Essa organização é sempre política e, portanto, diz respeito aos diferentes interesses sociais que pleiteiam um lugar de hegemonia.

É dessa forma que quando consideramos a geopolítica associada ao ensino de Geografia e, portanto, à constituição de um conhecimento geográfico escolar, nos perguntamos em que medida essa articulação opera na direção de validar a Geografia Escolar em termos curriculares. É sempre importante salientar que, dentro dos pressupostos discutidos até então, afirmar a discursividade de um projeto político (como a permanência curricular de determinada disciplina) não diz respeito a uma prática de juízo de valor nem de acusação de

uma falácia desta ou daquela disciplina escolar, mas sim de afirmar que a discursividade é própria do campo social e, desta forma, atua no funcionamento dos jogos políticos.

Em relação às ações metodológicas, no que se refere ao Enem e à Comvest, foram analisadas as provas e demais publicações no recorte temporal de 2011-2021. O artigo também traz o recorte das falas de quatro professores de Geografia que aceitaram participar de entrevistas semiestruturadas sobre seu campo de atuação. Os nomes dos professores são fictícios em função de se preservar suas identidades.

O professor Francisco, à época da entrevista, lecionava em um cursinho popular pré-vestibular há cinco anos no estado do Rio de Janeiro. A professora Luiza lecionou em escolas públicas e privadas, mas, no momento das entrevistas, atuava há sete anos apenas no segmento do Ensino Médio e em instituições privadas de ensino no estado de São Paulo. O professor Marcos trabalhava a oito anos como professor da rede estadual de São Paulo, primeiramente como “Categoria O”<sup>2</sup> e, posteriormente, como professor concursado. Por fim, a professora Ana Clara lecionou no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, mas, no momento da entrevista, estava exclusivamente como docente em um Instituto Federal no interior de São Paulo.

### **A geopolítica como reivindicação geográfica**

Durante as análises sobre o Enem e o vestibular e, principalmente, no decorrer das entrevistas, a geopolítica mostrou-se como um termo bastante recorrente nas provas e, frequentemente, em articulação com as atualidades. Na análise dos itens da Comvest, por exemplo, foi possível constatar a presença de uma série de conteúdos que classificamos como atualidades (em função dos debates atuais e projeção alcançada), ao passo que a Comissão Permanente os enquadrava como geopolítica. A geopolítica, ao ser identificada como um conteúdo componente do conhecimento geográfico escolar, está presente nas aulas de Geografia, principalmente no terceiro ano do Ensino Médio.

A geopolítica é requerida no exame e nas provas do vestibular, nos sites voltados ao universo do vestibular, assim como compõe as falas dos professores de Geografia na condição

---

<sup>2</sup> Os professores “categoria O” possuem contratos em caráter temporário e, embora realizem as mesmas funções dos professores concursados, não são alvos dos mesmos direitos. Sua atuação está de acordo com a Lei 500/1974, que lhes permitem lecionar na condição de professores substitutos dos professores efetivos. A partir da Lei Complementar 1.093/2009, os contratos passam a ser celebrados por períodos determinados (de um ano a quatro anos, respeitando os períodos de quarentena, nos quais os professores não podem lecionar).

de conteúdo geográfico. Levando em consideração que os acordos, disputas, tensões e relações estabelecidas entre diferentes países e grupos independentes trazem novas informações e elementos a cada dia e são intensamente propagados pelos meios de comunicação, este conteúdo acaba por apresentar uma disposição de equivalência com as atualidades e, portanto, autoriza a identificação entre esses acontecimentos recentes e as aulas de Geografia como seu lugar preferencial de discussão.

Trago ao texto fragmentos de entrevistas que auxiliaram na orientação das análises. Durante a conversa com a professora Ana Clara, dialogamos sobre as especificidades de cada componente curricular nas Ciências Humanas em relação à abordagem de determinados conteúdos. Adentramos em uma discussão sobre a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2016, e, a partir desta temática, questionei-a sobre qual seria a diferença entre uma aula de Geografia e uma aula de Sociologia sobre esse acontecimento.

Acho que o professor de Sociologia vai estar mais preocupado com a representação que tem, na sociedade, uma pessoa como ele ser eleita, enquanto o professor de Geografia está preocupado com a relação entre as nações e a representatividade disso para os territórios. O professor de Sociologia está preocupado em como aquilo reflete na sociedade norte-americana e na relação dela com outras sociedades, mas ele não faz, por exemplo, uma análise de importação e exportação, *commodities* e essas coisas (fragmento de entrevista – professora Ana Clara).

Da mesma maneira, o professor Francisco foi questionado sobre o modo de organização pretensamente ideal para uma aula cuja temática fosse a Guerra da Síria.

Eu parto do que tem na Guerra da Síria, busco fazer ciência geográfica do que está acontecendo e *linkar* (sic) com a realidade deles. Então, neste caso, talvez, eu fosse pela questão do território perguntando: “O que uma guerra significa?”. Partindo do que eles têm como referência, da geografia deles e do conhecimento deles para poder discutir (fragmento de entrevista – professor Francisco).

Os professores Marcos e Luiza, por sua vez, ao discorrerem sobre o que pensam acerca da relação entre ensino de atualidades e Geografia, trazem a geopolítica associada a essa disciplina.

Eles perguntam sobre atualidades para qualquer professor de [Ciências] Humanas que eles veem que trabalham com essas questões. Eu imagino que a Geografia acaba tomando parte desse discurso porque as atualidades têm a ver com a transformação do espaço, o território naquele momento, e eu acho que como isso é uma questão da Geografia – a paisagem, o território, o espaço – acaba sendo por ela que se discute isso. São questões de geopolítica também. No estado, em geral, é duplo, porque às vezes eles trazem a

demanda, às vezes a gente. Porque eles veem algo na mídia e vêm perguntar; vem perguntar do impeachment, se foi golpe, se vai ter terceira guerra mundial ou não, se a China vai dominar tudo... Mas eles não vêm perguntar só para mim, perguntam também para os outros professores, até porque os professores de Humanas são mais abertos, às vezes uma linha mais à esquerda faz com que eles venham até você, mesmo que não concorde com você (fragmento de entrevista – professor Marcos).

Não acho que as atualidades sejam competência da Geografia. Acho que todas as áreas podem trabalhar com ela. Mas acho que acabam ficando mais com a gente porque temos toda a discussão geopolítica. Onde trabalho, tivemos a disciplina de “Atualidades” que já foi dada pelo professor de História e outras áreas, mas agora que acabou a disciplina, ela ficou com a Geografia, porque alguns assuntos coincidem com geopolítica e aí fica mais fácil (fragmento de entrevista – professora Luiza).

De acordo com Becker (2012), a geopolítica foi fundada a partir da obra “Geografia Política” de Ratzel (1897 *apud* Becker, 2012), na qual se destacam as relações entre o território e o Estado-nação. Durante anos, sua herança foi negligenciada pelo campo geográfico por estar associada a uma concepção considerada determinista. Deste modo, seus estudos foram então apropriados por outra disciplina, criada também no século XIX: a geopolítica.

Esse processo fez com que a Geografia se distanciasse de um conjunto de técnicas e de um saber que concebe o espaço por meio das ações e estrutura do Estado e, mais recentemente, por meio do estudo das grandes empresas. Para Becker (2012), negar as práticas estratégicas – seja nas origens da disciplina, nas teorizações de Ratzel ou na geopolítica do Estado Maior – seria negar, igualmente, a própria Geografia. Do mesmo modo, repensar a Geografia envolveria, necessariamente, a compreensão da geopolítica, cabendo aos estudos geográficos a construção teórica sobre suas práticas estratégicas.

Na Geografia, há uma discussão que distancia e concomitantemente aproxima a geopolítica das análises geográficas. Para Giroto e Santos (2011), a partir das análises dos livros didáticos de Geografia da primeira metade do século XX, é possível refletir sobre as relações entre o ensino de Geografia e a geopolítica. Tratava-se de um momento de tentativa de institucionalização da Geografia como conhecimento científico e as publicações de Aroldo de Azevedo e Delgado de Carvalho compunham os materiais didáticos de Geografia. Em suas obras, aparece o que os autores consideram como uma herança da Geografia política de origem alemã: os conceitos de território, povo e nação. Nos discursos que construíam um ideário de nacionalidade como imperativo educacional, a geopolítica era articulada a um conhecimento necessário no controle e na expansão territorial, de modo que a Geografia seria, desta forma, fundamental na construção da identidade nacional.

Principalmente próximo aos anos 1930, a relevância social da Geografia era constituída por meio da importância dada ao conhecimento do país para a elaboração de um projeto nacional. Essa aproximação entre Geografia e geopolítica foi justamente antagonizada pelo movimento de renovação nos anos 1970 e 1980, levando à rejeição das obras de Aroldo de Azevedo e Delgado de Carvalho e de um ensinar geográfico nelas contido – Geografia regional de tradição francesa ou lablacheana – que foi intitulada, ou simplificada, como Geografia escolar tradicional. A crítica se pautava na aproximação do conhecimento geográfico e geográfico escolar ao Estado autoritário de Vargas e, mais tarde, ao regime militar de 1964.

Para Riceto (2017), a proposta educacional de Aroldo de Azevedo concebia a geopolítica como um ramo também das Ciências Políticas e não apenas da Geografia. Mesmo assumindo sua proximidade com outros campos, como a História e a Filosofia, Riceto (2017, p. 387) procura evidenciar como a geopolítica está “profundamente associada à ciência geográfica”. Segundo o autor, a geopolítica se refere ao entendimento da realidade socioespacial que auxilia na articulação de estratégias visando ações futuras. Define como bagagem teórica o conhecimento de “processos, fatos e contextos históricos, além das análises diuturnas de acontecimentos, projetos, ações isoladas e articulações dos mais diferentes atores globais” (RICETO, 2017, p. 389). A geopolítica, dessa forma, seria fruto da materialização das relações de poder entre diferentes agentes da sociedade internacional.

Nas palavras do autor, ainda que com proximidade “visceral” com outras ciências, “pensar geopoliticamente é realizar uma análise geográfica” (RICETO, 2017, p. 390). A defesa, portanto, da identificação da Geografia com a geopolítica está ligada a uma forma de pensar e ao envolvimento direto do espaço geográfico com as relações de poder que o constitui, o que diferenciaria a vinculação que a geopolítica estabelece com a Geografia do tipo de associação que mantém com outros campos.

Vesentini (2000) é um dos autores que investiga a geopolítica e, no trabalho que desenvolve para apreender os sentidos do termo e posicioná-lo historicamente, ele retoma definições advindas de Rudolf Kjellén (1864-1922) - a quem é atribuída a criação da nomenclatura "geopolítica", definida como uma ciência que analisa o Estado tal qual um organismo geográfico. No entanto, atualmente as análises geopolíticas não se limitam ao poder e ações estatais e igualmente englobam as ações de grandes corporações transnacionais, assim como de organismos não governamentais e entidades supranacionais. Para Riceto (2017), todos estes agentes fazem uso de uma leitura estratégica do espaço, dividindo com os

Estados o protagonismo na geopolítica internacional. O autor traça algumas situações nas quais entes não-estatais se articulam com o objetivo de controlar espaços, informações e conhecimentos.

Áreas com localizações privilegiadas, favoráveis a rotas de transportes e detentoras de reservas de recursos naturais estratégicos, potenciais mercados consumidores e legislações frágeis que permitam redução de custos produtivos, dados estratégicos sobre onde e quando investir, desenvolvimento tecnológico nos mais diferentes segmentos, entre outros, estão entre os alvos de cobiça desses novos atores/entes dentro da nova ordem mundial (RICETO, 2017, p. 391).

Os exemplos apresentados pelo autor reiteram a proximidade entre a geopolítica e a abordagem geográfica, dada sua relação com o que considera o objeto de estudo da Geografia – o espaço geográfico. Retoma as análises de Yves Lacoste, para quem, de início, a Geografia é um saber estratégico, de modo a afirmar que mesmo hoje o espaço geográfico guarda íntima relação com a geopolítica. Sobre o valor da informação na contemporaneidade, em seu texto é possível perceber a associação entre aspectos físicos e humanos como atribuição estratégica do espaço, seja a partir de informações de elementos físicos (tais como localizações de reservas de recursos naturais) ou de fatores socioeconômicos em função de perfis demográficos e arranjos espaciais de produção.

Em Riceto (2017), os conhecimentos históricos também são essenciais nas análises geopolíticas e, no Ensino Médio, há até mesmo a imprecisão sobre qual disciplina deveria realizá-las – se a História ou a Geografia. Com as contribuições de Khanna (2011), procura-se delimitar quais seriam as atribuições de cada uma delas. Assim, a geopolítica seria uma disciplina que, opostamente à História, olharia para trás com o objetivo de enxergar à frente. Valendo-se da analogia que compara as relações internacionais como sendo a meteorologia da atualidade, a geopolítica é metaforizada com o papel da climatologia, pois seria a ciência profunda da evolução do mundo (KHANNA, 2011). Apesar de reconhecer que a geopolítica é a área que mais se aproxima a essas duas ciências (História e Geografia) consideradas por muitos como “irmãs”, a conjunção entre geopolítica e Geografia é latente:

No entanto, partindo-se do princípio de que a análise geopolítica busca compreender e explicar os acordos e articulações de poder que acabam materializando as estruturas e os arranjos dos mais diferentes espaços, e que é sobre essa base espacial que os diferentes interesses recaem e se chocam, mais uma vez é latente a integração dessa área com os conhecimentos geográficos (RICETO, 2017, p. 395).

A dimensão geográfica é apresentada, dessa forma, como aquela que se dá a partir da materialização dos processos, como uma base espacial na qual os vários interesses, ou jogos de poder, se estabelecem. Nesse sentido, o autor constrói uma definição para a geopolítica que se dá por meio de uma identificação com a Geografia, concebendo-a como uma área das Ciências Humanas que, mesmo se utilizando de outros campos para se constituir, apresenta grande dependência dos conhecimentos geográficos, compreendendo as relações de poder entre diferentes atores do sistema internacional e tendo por referência a construção do espaço geográfico em distintas escalas.

As concepções oriundas da geopolítica estão relacionadas às hipóteses geoestratégicas sobre o poder mundial baseadas em dois princípios: os Estados-nação e o poder da Geografia dos lugares. Becker (2012, p. 121) coloca que o espaço e a sociedade não são expressão apenas de processos tecnológicos e econômicos, mas que são produto de decisões políticas e estratégias organizacionais. A autora defende que as tendências de reestruturação do espaço devem ser tensionadas por projetos alternativos provenientes da sociedade e do espaço territorial.

A questão territorial, por essa razão, é hoje, igualmente, chave, porque abre a perspectiva da multidimensionalidade do poder referente à prática espacial estratégica de todos os atores sociais e em todos os níveis, escapando da concepção totalitária de um poder unidimensional seja do Estado, do capital ou da máquina de guerra (BECKER, 2012, p. 121).

A ênfase que a autora confere à dimensão territorial é o grande ponto de encontro entre seu pensamento e as falas dos professores entrevistados quando discorrem sobre as formas de abordagem dos conteúdos concebidos como geopolítica que surgem quando são indagados sobre as atualidades. Nas colocações da professora Ana Clara e dos professores Francisco e Marcos, o território emerge como a associação existente entre a geopolítica e uma “análise geográfica” dos fenômenos. O território, portanto, é a dimensão que parece validar a identificação entre esses dois campos, e interpreto ainda na fala do professor Marcos que a dimensão atual dada aos conteúdos de geopolítica é construída pela concepção do território ser um espaço em constante transformação, pois a todo o momento é fruto de novas disputas e organização, de modo que seja sempre necessário se atualizar sobre os acontecimentos que lhes estão associados de alguma maneira.

Os temas que são mais frequentemente identificados como geopolítica em materiais didáticos, ou ainda discutidos pelos professores durante as entrevistas, compõem muitas das listas de jornais, revistas, sites e plataformas destinadas ao vestibular que selecionam as atualidades mais proeminentes em determinado período de tempo. Nas publicações do “Guia do Estudante Atualidades”<sup>3</sup>, por exemplo, as capas, bem como os outros tópicos trazidos pela revista são permeados por esses conteúdos<sup>4</sup>. Os guias em questão não são mais produzidos de forma impressa pela Editora Abril, mas seguem como publicações em formato *online*, operando por meio da mesma lógica. A matéria de destaque no momento da escrita desse texto, por exemplo, se intitula “Por que israelenses e palestinos vivem em conflito?” com a chamada “Criação de Israel, em 1948, expulsou 750 mil árabes de suas terras. Hoje, são 5,9 milhões de refugiados palestinos. Entenda o contexto histórico do conflito”<sup>5</sup>. O destaque se dá no momento em que Israel e Hamas entram em uma nova onda de conflitos, com ataques, desde outubro de 2023, que têm deixado milhares de mortos e feridos, principalmente, na Palestina.

---

<sup>3</sup> De acordo com o Guia do Estudante: “O GE Atualidades resume os principais fatos do Brasil e do mundo que podem cair nos vestibulares. Ele apresenta os temas mais importantes do noticiário com uma linguagem fácil de entender, ideal para quem não está acostumado a acompanhar jornais e revistas regularmente”. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/edicoes/ge-atualidades-2018-1/> Acesso em 1 nov. 2023.

<sup>4</sup> Na edição do primeiro semestre de 2016, além da matéria da foto de capa, a revista traz os tópicos: “Dilma acuada: o governo encara a impopularidade e o risco do impeachment”; “Epidemia de zika: um vírus pior que o da dengue expõe o Brasil à microcefalia”; “E mais: Lama em Mariana, Olimpíadas no Rio, Refugiados, Balanço da Cop21, Eleição Argentina, Petróleo em baixa”. Na edição do primeiro semestre de 2017, a revista apresenta: “Violência: explode a guerra entre facções nos presídios do Brasil”; “Lava Jato: a morte do ministro Teori Zavascki e a delação da Odebrecht”; “E mais: Fidel sai de cena, Mudanças no pré-sal, Drama na Síria, Febre amarela, Paz na Colômbia, PEC de Gastos”. Na edição do primeiro semestre de 2018, ainda consta: “Violência: governo Temer intervém no Rio de Janeiro”; “Eleições 2018: a ameaça das *fake news* nas redes sociais”; “E mais: a Rússia da Copa, Caos em Mianmar, Febre amarela, #metoo, Arte x Censura, Espanha dividida”.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

Figura 1 - Capas das revistas *Guia do Estudante Atualidades: vestibular + Enem* (2016; 2017; 2018).



Fonte: Editora Abril – Guia do Estudante.

Em sua associação com as atualidades, a geopolítica apresenta uma estreita relação com os meios de comunicação. Com frequência, ao falar sobre geopolítica ou mesmo sobre atualidades, que não necessariamente estejam articuladas a uma discussão geopolítica de forma mais específica, a mídia surge como a fonte de questionamentos dos alunos em direção aos professores. Ela é, igualmente, geradora de discussões promovidas pelos próprios

professores em aula como forma de mobilização de conteúdos escolares. Essa relação será melhor discutida no próximo tópico.

### **A dimensão escalar nos estudos geográficos: relações entre o local e o global na análise territorial**

Na defesa de um estudo geográfico que se reaproxime da geopolítica em uma perspectiva escolar, Giroto e Santos (2011, p. 144) apontam associações entre geopolítica, Geografia e Ensino Médio, afirmando que vivemos no século XXI um cenário no qual “o mundo invade a vida dos alunos”. Essa mesma assertiva também foi realizada por Callai (1998) e Straforini (2008) ao discutirem as relações entre o ensino de Geografia e as formas de se construir com os alunos as escalas do local-global.

Callai (1998) e Straforini (2008) ao discutirem, principalmente, sobre a noção de círculos concêntricos, trazem que, nos últimos anos, as informações quanto aos acontecimentos em diferentes escalas têm chegado aos alunos, independente de sua faixa etária e, portanto, não é mais possível restringir o ensino-aprendizagem a apenas uma escala. Assim, em uma concepção na qual o espaço é concebido como totalidade, a ordem de introdução das diferentes escalas não conferiria prejuízo à educação geográfica.

Em Giroto e Santos (2011, p. 145) são problematizados os sentidos em torno dos significantes “informação” e “conhecimento”, posto que, constantemente, são tidos como sinônimos. Nesse contexto, no nível do senso comum, os meios de comunicação têm, aos poucos, substituído o lugar da escola como produtora de conhecimento válido. Nesta direção, há o questionamento de como esses conteúdos chegam à sala de aula, principalmente, no que se refere ao ensino de geopolítica. Defendem que o arcabouço teórico-metodológico da geopolítica é fundamental na ampliação dos conhecimentos dos alunos sobre determinados fenômenos e, por essa razão, o conhecimento geopolítico não deve ser pensado apenas para o entendimento de fenômenos mundiais atuais.

Destaco o pensamento dos autores no que tange à escala conferida comumente à geopolítica, a saber, a escala mundial. A partir de uma identificação entre a geopolítica e as atualidades, essa observação nos auxilia na consideração das relações existentes entre as atualidades e suas escalas de acontecimento, assim como de que maneira seu conteúdo na sala de aula mobiliza, ou não, a realidade dos alunos. Por ora, as análises dos autores consideram que um conhecimento geopolítico não necessita ser restringido a apenas uma escala de estudo.

O aluno deve compreender que as relações entre o poder e o território estão presentes cotidianamente. Servem para explicar os conflitos entre grupos rivais por um território com interesse econômico associado, assim como as relações no interior da escola e dos diferentes territórios que nela existem (GIROTTO; SANTOS, 2011, p. 146).

Os autores tentam desconstruir a noção de que os conhecimentos desenvolvidos no âmbito da geopolítica seriam restritos à escala global e, desta forma, argumentam que é possível mobilizar entendimentos sobre relações de poder e território na escala do cotidiano, de maneira que “cotidiano” e “local” parecem ser compreendidos como sinônimos. Assim, procuram tensionar concepções que contrapõem as lógicas de funcionamento dos fenômenos mundiais às lógicas que operam no nível do cotidiano dos alunos.

Esse ponto da discussão nos leva à reflexão: seria possível, então, definir a escala do cotidiano? Nas entrevistas com os professores, interpreto que essa busca pela relação com o cotidiano dos alunos está presente em algumas de suas falas, de modo que a aproximação entre o que acontece no mundo e a vida cotidiana – a realidade do aluno – se daria via território. O cotidiano é, então, mobilizado por meio de um conceito tido como estruturante da Geografia e, segundo Giroto e Santos (2011), pode ser trazido para o cotidiano dos alunos.

Desta forma, o cotidiano, concebido em oposição à escala global, parece ser acionado por meio do desenvolvimento de um conhecimento que tem como base a dimensão territorial. Assim, o que ocorre em âmbito global guardaria relação com a esfera cotidiana, de modo que os conflitos territoriais envolvendo o Estado Islâmico ou a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, por exemplo, apresentariam contiguidade com a vida dos estudantes por meio das formas de se articular as percepções territoriais envolvidas nesses acontecimentos às dimensões territoriais de situações presentes no dia a dia dos alunos.

Já para Riceto (2017), a grande responsabilidade do professor de Geografia no ensino da geopolítica é desenvolver com os estudantes sua capacidade de realizar um entendimento crítico de fatos e processos que extrapolem sua vizinhança próxima. Novamente, uma questão escalar é acionada ao se referir à geopolítica, entretanto, numa perspectiva que vai além da discussão de Giroto e Santos (2011), na qual o objetivo era a construção da relação entre um “conhecimento geopolítico” e o cotidiano dos estudantes. Na linha argumentativa de Riceto (2017), esta construção trata igualmente de ultrapassar o campo da vizinhança próxima na compreensão crítica de determinados acontecimentos. Tanto em Giroto e Santos (2011) quanto em Riceto (2017), a geopolítica e sua compreensão no Ensino Médio também encontra ancoragem nas notícias divulgadas cotidianamente pela mídia, como citado anteriormente. Para Riceto (2017), ainda que o entendimento dos acontecimentos que dizem respeito à atual

organização humana sobre o espaço necessite de uma busca por causas históricas, as informações e notícias propagadas pelos meios de comunicação também são tomadas por referência.

Segundo o autor, “a modernização e a pulverização dos meios de comunicação tornam as ações geopolíticas e seus desdobramentos realmente globais” (RICETO, 2017, p. 403). É nesse sentido que o ensino de geopolítica não deve se resumir ao fornecimento de informações e exposição de contextos de conflitos e tensões entre Estados, mas sim deve desenvolver ferramentas para que os estudantes possam “interpretar criticamente os fatos associados ao seu cotidiano” (RICETO, 2017, p. 406) e, ao relacionar os fatos, não realizar uma leitura fragmentada que se limite à realidade que o cerca. Aqui, a questão escolar mostra que ao mesmo tempo em que se espera dos estudantes o desenvolvimento de instrumentos para analisar fatos associados ao seu cotidiano, a realidade que o circunda é articulada à noção de uma visão fragmentada que somente é superada a partir da construção da congruência entre fatos.

A leitura crítica da realidade, portanto, é aquela que supera a realidade próxima dos alunos e, ao mesmo tempo, permite que os estudantes sejam capazes de elaborar seus conhecimentos para além da esfera local. Seria, dessa forma, na mobilização do local-global em associação, que os discentes estariam mais próximos da noção de uma totalidade-mundo.

### Considerações finais

Diante do que foi discutido, é possível conceber que a geopolítica é identificada ao conhecimento geográfico escolar, principalmente por meio do significante **território** como um ponto nodal que envolve diferentes concepções de ensino de Geografia em torno da geopolítica, conforme interpretamos nas falas dos professores Francisco, Ana Clara, Luiza e Marcos. Nessa construção, há um intuito de aproximar, via território, as discussões geopolíticas (como a Guerra na Síria) com a realidade dos alunos, como destaca o comentário do professor Francisco: “O que uma guerra significa? Partindo do que eles têm como referência, da Geografia deles, do conhecimento deles [alunos], para poder discutir”.

Essa realidade dos alunos pode ser concebida de distintas maneiras e mobilizada tanto pelos professores quanto pelos próprios estudantes. No que diz respeito aos seus sentidos, por vezes há uma relação de proximidade entre o que acontece no mundo diariamente e o cotidiano dos estudantes, de modo que, consoante Riceto (2017), nessa vinculação com o cotidiano, a geopolítica deve ser pensada em suas relações e não de modo fragmentado. Em

outros momentos, a proximidade se dá em função do conceito de território como elo entre os processos em escala global e aqueles presentes no dia a dia dos alunos. No que se refere às atualidades, há uma convergência entre conteúdos que são tradicionalmente articulados à geopolítica com aqueles identificados como atualidades. Na fala da professora Luiza, que leciona em uma escola onde as atualidades já se constituíram enquanto uma disciplina própria e individualizada, as atualidades passaram a ser incorporadas às aulas de Geografia e guardam proximidade com esse componente curricular, justamente pelo fato de os conteúdos de geopolítica coincidirem com os da Geografia, o que facilitaria o trabalho com esses materiais por parte do professor da disciplina.

Já para o professor Marcos, para quem as atualidades não são, necessariamente, competência do professor de Geografia, a associação entre atualidades e Geografia pode se dar devido ao espaço, à paisagem e ao território estarem constantemente em transformação. A partir das colocações do professor, é possível entender a associação das atualidades com a geopolítica (quando dá exemplos de assuntos que os estudantes trazem à sala de aula) e também quanto à concepção de tempo presente discutido por diversos autores no campo da epistemologia da Geografia – mais especificamente, na articulação dessa concepção em associação à Geografia escolar, Cecim e Straforini (2022) são mobilizados ao afirmarem que o espaço em constante transformação é produtor de uma contínua atualização dos processos e relações que constituem os territórios.

Ainda na fala do professor Marcos, os conteúdos de atualidades-geopolítica são levados à discussão pelos professores, mas também pelos alunos, que questionam sobre os acontecimentos que circulam, principalmente, pelos meios de comunicação e encontram espaço nas salas de aula, seja devido à proximidade com os professores para quem direcionam seus questionamentos, ou por uma abordagem anterior de um conteúdo semelhante àquele acionado pelos estudantes. As atualidades, assim, estão em proximidade com a geopolítica e acionam o cotidiano dos alunos, sua realidade, tanto para a compreensão de eventos globais, quanto para que a lógica dos eventos globais mobilize a compreensão dos fenômenos na escala de vivência dos estudantes.

Diante das discussões levantadas, reafirmo a existência de articulações que autorizam a identificação de conteúdos de atualidades com o conhecimento geográfico escolar. Essas articulações não acontecem, necessariamente, de modo isolado, o que significa dizer que a noção de Geografia como ciência do presente, a interdisciplinaridade como própria do conhecimento geográfico e a geopolítica como um conteúdo associado à Geografia, podem

compor a mesma cadeia de equivalências que identifica nas atualidades conteúdos que são identificados como geográficos. A geopolítica, quando associada à Geografia Escolar, confere a essa última uma relevância no que diz respeito ao acompanhamento das principais transformações socioespaciais em escala mundial, mas que também é capaz de acionar a escala local a partir, principalmente, da mobilização do conceito de território. O conhecimento geográfico escolar, por sua vez, permite que a geopolítica seja pensada para além da compreensão de fenômenos atuais dentro de uma lógica jornalística, pois, permite o desenvolvimento de um raciocínio que colabore para uma interpretação da realidade social em sentidos mais amplos.

### Referências

BECKER, Berta Koiffmann. A geografia e o resgate da geopolítica. *Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 117-150, [1988] 2012.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: AGB, Seção Porto Alegre, 1998. p.?

CECIM, Jéssica da Silva Rodrigues. *O ensino das atualidades a partir de demandas curriculares: quais sentidos de conhecimento geográfico escolar estão em disputa?* Tese de doutorado. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2021. 274p

CECIM, Jéssica; STRAFORINI, Rafael. O Conhecimento Geográfico Escolar e as articulações entre a realidade do aluno e o conteúdo de atualidades. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 42, p. 1-26, 2022.

GIROTTI, Eduardo Donizetti. SANTOS, David Augusto dos. A geopolítica e o ensino de Geografia: estratégias didáticas para a retomada do diálogo. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, Santa Maria-RS, v. 15, n. 3, p. 139-153, set./dez. 2011.

KHANNA, Parag. *Como governar o mundo: um roteiro para o próximo renascimento*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, [2006] 2015. 288p.

LACLAU, Ernesto. *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 220 p.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas. 1. reimp. [2013], 2018.

RICETO, Álisson. A geopolítica no ensino médio: uma área intimamente geográfica. *Ensino em Re-Vista*, Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 385-407, jul./dez. 2017.

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008. 190p.

VESENTINI, William. *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2000.

---

Jéssica da Silva Rodrigues Cecim

Atualmente é professora no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando no Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio.  
Endereço Profissional: Universidade Federal de Goiás, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Campus Samambaia – UFG.  
CEP: 74690-900, Goiânia, GO/Brasil  
Email: jcecim@gmail.com

---

18

Recebido para publicação em 18 de outubro de 2023.  
Aprovado para publicação em 08 de dezembro de 2023.  
Publicado em 29 de dezembro de 2023.